



CARTOGRAFIA E ARTE: NOVAS LINHAS PARA PENSAR E FALAR DE MAPAS, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

CARTOGRAPHY AND ART: NEW LINES TO THINK AND TALK ABOUT MAPS, EDUCATION AND GEOGRAPHY IN THE PRESENT

Tânia Seneme do Canto

*Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro
Professora Assistente do Departamento de Geografia
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
Uberaba, MG, Brasil
e-mail: taniacanto@gmail.com*

Recebido em 13.01.2014.
Aceito em 28.03.2014.

Resumo

O presente texto tem como objetivo discutir e pensar sobre a cartografia escolar e o ensino de geografia na atualidade a partir de práticas artísticas realizadas no contexto de uma disciplina ofertada em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp-Rio Claro. Na condição de aluna da referida disciplina a autora deste artigo pôde vivenciar o potencial da aproximação entre arte e cartografia, arriscando-se como cartógrafa-artista/artista-cartógrafa, para fazer proliferar novos pensamentos sobre os mapas e suas educações e geografias no mundo de hoje. Tendo como eixo três obras criadas no decorrer do curso, o texto procura tecer algumas pontes entre a cartografia e o currículo escolar na atualidade, a partir de autores como Seemann (2012), Oliveira Jr. (2012), Pickles (2004) e outros. Assim, discorre sobre os novos contornos que os mapas adquirem por meio da arte e das novas tecnologias e, seus possíveis desdobramentos para a sala de aula. Como conclusão, o texto aponta a importância de se criar novas linhas de estudo para reinventar o espaço e os modos de ensiná-lo.

Palavras-chave: práticas artísticas; cartografia escolar; novas tecnologias; ensino de geografia; modernidade.

Abstract

The present article aims to discuss and think about school cartography and geographical education in the present by means of artistic practices carried out during a seminar in the Graduate Program in Geography at UNESP-Rio Claro in 2012. In the condition of a student in the course, the author of this paper was able to experiment the potential of approaching art and cartography, taking a chance as a cartographer-artist/artist-cartographer in order to propagate new thoughts about maps and its educational and geographical forms in the present-day world. Using three artistic works produced during the seminar as axis, the text seeks to establish bridges between cartography and the contemporary school curriculum, based on authors such as Seemann (2012), Oliveira Jr. (2012), Pickles (2004) and others. Thus, the article discusses new outlines that maps could acquire through art and new technologies, and possible unfoldings for the classroom. In its conclusion, the text points out the importance of creating new lines of study to reinvent space and the ways to teach it.

Keywords: artistic practices; school cartography; new technologies; geographic education, modernity.

Finalmente: isso é geografia? Claro que é!
O que é geografia senão o desenho e a interpretação de linhas?¹
(OLSSON, 1992, p.95)

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2012, realizou-se junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Rio Claro, São Paulo, a disciplina concentrada “Cartografia escolar, currículo e modernidade”. Pensada e ministrada pela Profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida, a disciplina se propôs a abordar os conteúdos e questões que seriam levantados por estes termos quando colocados lado a lado. Assim, buscou-se nos quatro dias de encontro do curso produzir conexões e pontes entre a cartografia escolar, o currículo e a modernidade. Dentre as atividades indicadas pela professora estava a leitura e discussão de textos e imagens; a reflexão sobre determinadas perguntas e questões formuladas previamente; e a realização de práticas artísticas com o uso de mapas. Tais práticas são o eixo deste artigo, pois foi

¹ Finally: is this geography? Of course it is!
For what is geography, if it is not the drawing and interpretation of lines?

principalmente a partir delas que as conexões e pontes a serem tecidas passaram a se proliferar.

No final de cada dia de aula, uma prática artística diferente era desenvolvida pelos alunos sob a orientação da professora. As práticas propostas resultaram na criação de quatro composições visuais por aluno e, para cada uma delas, um pequeno texto foi escrito e apresentado à classe pelos autores. Neste artigo, é apresentado um memorial sobre três obras de arte criadas no contexto da disciplina. Todas elas foram produzidas pela autora do presente texto, que, na época, participava do curso na condição de aluna. Dividido em três partes, o memorial em questão procura relatar os pensamentos, reflexões e relações que tais obras de arte, juntamente com outros textos, falas e imagens, foram capazes de mobilizar ao longo da semana.

Em todos os momentos em que as atividades artísticas aconteceram, os alunos puderam vivenciar e sentir o potencial da aproximação entre cartografia e arte, entre cartografia e subjetividade. Apesar de tal tema estar hoje na pauta das discussões de diferentes pesquisadores da cartografia escolar (OLIVEIRA JR., 2012; SEEMANN, 2012), a compreensão sobre sua importância no processo educativo parece apenas ter se realizado na disciplina quando os alunos se arriscaram a ser, também artistas-cartógrafos/cartógrafos-artistas e passaram a criar novas imagens do/para o espaço. Por que, então, ensinar-aprender geografia com obras cartográficas que nós criamos? Seria porque desta forma é possível pensar e dizer mais – mais no sentido de outras coisas e de ir além, mais profundamente – sobre/no mundo em que vivemos? O memorial que segue nas próximas páginas busca mostrar que sim.

PRIMEIRO MÉTODO: O PLANISFÉRIO ∞TICO

No dia 26 de novembro, a prática artística proposta pela professora consistiu na composição de uma imagem realizada a partir de um mapa intitulado “Planisfério Político”, retirado do Geoatlas (SIMIELLI, 1996, p. 10). A orientação dada era a de que o mapa-múndi deveria servir como inspiração para a criação de uma obra de arte que poderia ser feita da maneira que os alunos quisessem. Para tanto, cada aluno recebeu uma cópia colorida do mapa, uma folha de papel A3 para a realização

de trabalhos artísticos, lápis de cor, tesoura, cola e canetas hidrográficas coloridas. A professora também indicou para a leitura neste dia o texto de Oliveira Jr. (2012), denominado “Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar”.

O trabalho foi realizado em sala de aula no período da manhã. À noite, os alunos apresentaram suas criações relacionando-as com a leitura do dia. A professora também levou para o encontro noturno obras de arte de diferentes artistas que faziam pensar sobre o espaço. A relação entre mapas e arte vem sendo discutida por importantes estudiosos da cartografia (COSGROVE, 2005; D’IGNAZIO, 2009; WOOD, 2006) e, mais recentemente, este ganhou força, principalmente, pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, que tornaram a cartografia mais acessível às pessoas comuns.

Cada vez mais na web, é possível encontrar projetos de mapeamento criados por cartógrafos não profissionais que exploram o potencial subjetivo da arte, para fazer pensar, ver e sentir o mundo de diferentes maneiras (LEÃO, 2004; FRANCO, 2012; LEIRIAS, 2012). Estes trabalhos têm inspirado e instigado autores na área da cartografia escolar a desenvolver outras formas de uso do mapa em sala de aula, ou seja, outras práticas educativas que concebam a cartografia não só como um campo de conhecimento técnico e científico, repleto de regras e convenções, mas sim como um campo criativo e aberto a múltiplas interpretações e relações.

Neste contexto, uma das composições criadas neste dia de aula buscou tratar exatamente desta questão: o mapa no contexto escolar. Para isso, a obra (figura 1) foi desenvolvida a partir de um olhar muito atento para o mapa-múndi, um olhar bem diferente daquele que o adulto está acostumado a ter, que parece ver o mundo e o mapa como se fossem sempre os mesmos e seu olho soubesse tudo sobre os dois. Este outro olhar procurou observar o mapa sem pressa, tentando ver aquilo que nunca se tinha visto antes. Tratava-se de um olhar curioso, investigativo, ou seja, um olhar de criança, que ao abrir um atlas em sala de aula enxerga o que nenhum adulto é capaz de ver e levanta as perguntas mais improváveis do mundo.

Desse modo, a autora da obra quis saber para onde o “Planisfério Político” poderia levá-la se experimentasse outra forma de olhar para ele, e então, construiu um mapa-múndi de lugares quase invisíveis a um olhar rápido e adulto. A este mapa foi dado o nome de “Planisfério ∞ tico”, sugerindo que um planisfério político pode

pluralista e aberta, que busque na cultura outros sentidos e interpretações para os mapas. Para tanto, ele apresenta várias obras de arte, em sua maioria expostas na 8ª Bienal do Mercosul em Porto Alegre, que brincam, jogam, subvertem as convenções, regras e códigos da linguagem cartográfica, propondo o seu uso em sala de aula. As razões para isso são expressas da seguinte maneira:

Ainda que imprecisa, poderia dizer que subjaz a este ensaio, a distinção entre escolar e educativo. Esta distinção é apenas uma maneira de deslocar o caráter educativo da cartografia escolar da forma habitual da escolarização – que é vinculada a processos mais ou menos controlados (pelos currículos e professores) de levar crianças e jovens a acumularem os mesmos saberes e conhecimentos – para uma concepção de educação em que estes controles são parcial ou totalmente substituídos por percursos em aberto, onde crianças e jovens são expostos a obras da cultura (escolar ou não escolar) que promovam conexões múltiplas entre a cultura (linguagem) cartográfica dispersa em nossa sociedade e os universos culturais dos alunos, com suas singularidades, criando uma zona contaminada de pensamentos variados, onde as obras expostas são atravessadas por esta multiplicidade de pensamentos e sensações que para elas converge das singularidades dos estudantes e estes últimos são atravessados pelos inusitados outros modos de existir da cartografia (OLIVEIRA Jr., 2012, p.5).

Em seguida, o autor enfatiza o potencial desse “efeito educativo”:

Este educativo seria, então, tudo aquilo que faz proliferar pensamentos ao estabelecer conexões entre coisas de universos antes separados, fazendo com que um se avizinhe e se dobre no outro, contamine o outro com seus elementos e potencialidades ampliando as margens destes próprios universos culturais – o da cartografia, o dos alunos, o da escola – criando uma variação contínua tanto dos pensamentos quanto dos universos culturais [...]. (OLIVEIRA JR., 2012, p. 5-6).

Estas passagens do texto fundamenta muito bem a proposta do autor de incorporar a arte na cartografia escolar, pois foi exatamente o que os alunos da disciplina vivenciaram quando foram desafiados a criar uma obra utilizando a linguagem cartográfica. No processo de criação, os alunos precisaram desenvolver outra forma de olhar para o mapa que tinham em mãos e, assim, neste momento, o universo cultural de cada um deles se encontrou com o universo cultural dos mapas, fazendo emergir diversas conexões e pensamentos sobre eles. A partir desta

“contaminação”, muita coisa no mundo dos alunos e, no mundo dos mapas, se expandiu e passou a existir de outras maneiras.

Isto não só aconteceu durante a realização da prática artística, mas também quando, no período da noite, os alunos apresentaram e conversaram sobre suas composições. Nesta ocasião, várias outras interpretações para as obras surgiram, mostrando que o potencial da relação arte-cartografia na educação não está apenas no seu processo de criação, mas também no seu processo de apreciação, promovendo conexões entre universos culturais antes separados e fazendo proliferar múltiplos pensamentos e sensações.

SEGUNDO MÉTODO: A REVOLTA DAS ONDAS AO ENTARDECER

A prática artística do dia 27 de novembro começou antes da aula, pois a cada aluno foi pedido que selecionasse quatro mapas para levar para o seminário. Em sala de aula, a professora solicitou aos alunos que ficassem em pé, observassem os seus mapas sobre a mesa e escolhessem um deles para realizar a atividade. Eles foram instruídos a copiar uma das linhas impressas no mapa escolhido em uma folha de tamanho A3 e a partir dela criar sua obra. Para tanto, foi permitida a utilização de lápis-de-cor e canetas hidrográficas coloridas. A leitura indicada pela professora neste dia foi o texto “Subvertendo a cartografia escolar no Brasil”, de autoria de Seemann (2012).

O texto em questão está dividido em três partes principais. A primeira faz uma crítica da razão cartográfica, apresentando os fundamentos e questões que a embasam e apontando o sentido do termo subversão na cartografia. Conforme explica o autor (2012, p. 140), a partir do pensamento de Harley (1989), “no contexto da cartografia, subversão implica uma ideia crítica sobre o modelo normativo da disciplina que é geralmente considerada como uma ciência exata baseada em fatos objetivos, cálculos, medições e convenções”. Já a segunda parte trata de algumas obras artísticas que, na concepção do autor, subvertem a cartografia; e a terceira, por sua vez, discorre sobre algumas estratégias possíveis para levar a referida subversão à sala de aula.

A principal contribuição do texto é questionar o papel e o lugar da cartografia no currículo, bem como no ensino de geografia. Assim, Seemann (2012) procura

formas de subverter as normas, regras da cartografia no contexto escolar. Mas, por quê e para quê deveríamos levar tal subversão a cabo? O que isto significaria para o currículo? Talvez, a melhor maneira de compreender tal questão fosse experienciando uma subversão da cartografia presente no próprio currículo, justamente o que a obra seguinte (figura 2) se propôs a fazer.



Figura 2: segunda obra: a revolta das ondas ao entardecer

O mapa escolhido para esta composição foi encontrado nos cadernos de geografia que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (ESTADO DE SÃO PAULO, 2008) elaborou e distribuiu no ano de 2007 na rede pública estadual. Tal material foi criado com o objetivo de implantar um currículo pedagógico único nas escolas da rede e, com isso, acabou, de certo modo, controlando as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sala de aula. O mapa retirado do caderno tinha como título “Mapa do Parque da Serra do Mar: núcleos administrativos”, porém, através da subversão artística empreendida, se transformou em “A revolta das ondas ao entardecer”.

Desse modo, a linha do mapa que, a pedido da professora, foi reproduzida na folha em branco, se multiplicou, dando forma a ondas gigantes sob o sol da tarde.

Num segundo momento, esta imagem acabou por se transformar também em outras três, quando os alunos foram orientados a arranjar suas obras em diferentes posições, procurando nelas outros desenhos possíveis. Especificamente nesta composição foram encontrados um pinheiro azul com uma bola de natal avermelhada, enquadrado em sua metade (figura 3a), um pássaro, com o bico aberto, cortando a paisagem de um imenso céu azul (figura 3b) e a representação cartográfica dos meandros de um rio, com a localização de uma de suas cidades mais próximas (figura 3c).

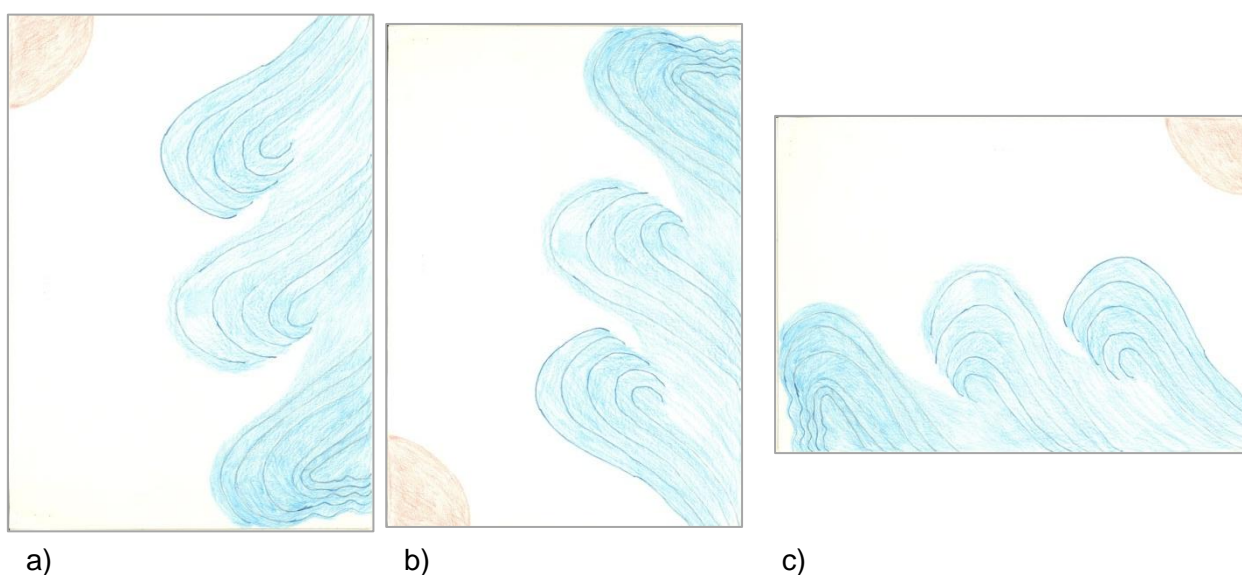


Figura 3a-c: Variações da segunda obra de arte

Apesar de estas imagens aflorarem aparentemente sem muito sentido geográfico, a prática proposta pela professora buscou exercitar o olhar e a imaginação. Tal exercício é fundamental para descobrir novas geografias e cartografias nos mapas que nos chegam prontos e acabados.

Em seu livro “A history of spaces”, Pickles (2004, p. 18) diz que os espaços estão sempre sendo reconfigurados por “novos geo-gráficos e carto-gráficos, novas escritas, novas linhas de inscrição e novas linhas de demarcação”² e sugere que, talvez, estas novas cartografias já estejam entre nós se formos capazes de olhar de maneiras diferentes para os mapas que temos: “Seria possível desenvolver novas

² “New geo-graphs and carto-graphs, new writings, new lines of inscription and new lines of demarcation.”

cartografias e geografias apenas ao mudar a maneira em que pensamos sobre as cartografias que temos” (PICKLES, 2004, p. 194).³

Nesta perspectiva, subverter a cartografia em sala de aula parece importante, pois, só assim seremos capazes de entender e construir outros espaços e outras realidades. Espaços e realidades estas que não estão e, ao mesmo tempo, estão nos materiais didáticos e currículos que nos são impostos. Tudo depende do nosso olhar, bem como das nossas práticas com eles.

Assim, ao criar novas imagens com as linhas do mapa retirado do caderno de geografia da rede estadual, a obra aqui apresentada, além de buscar subverter a maneira como a cartografia normativa mapeia o espaço, como sugere Seemann (2012) em seu texto, também propõe a subversão do modo como a Secretaria da Educação tem tentado regular o que os professores ensinam em suas aulas.

TERCEIRO MÉTODO: MAPA DA INTERFACE DO PARQUE DA SERRA DO MAR

No dia 30 de novembro, aconteceu a última aula da disciplina “Cartografia escolar, currículo e modernidade”. A prática proposta pela professora nesta data trabalhou com o mesmo mapa utilizado na aula do dia 27. Desta vez, conforme orientação dada, os alunos tinham a tarefa de se apropriar do mapa escolhido para criar outro mapa. Para isso, os mesmos recursos das atividades anteriores puderam ser empregados: lápis-de-cor, canetas hidrográficas coloridas, uma folha em formato A3 para trabalhos artísticos, cola e tesoura. A leitura indicada para a aula foi “O ornamento como oposição ao moderno”, capítulo do livro “Ornamento e modernidade: a construção de imagens na arquitetura”, escrito por Sá (2005).

O texto aborda como o uso do ornamento na arquitetura foi colocado como oposição à arquitetura moderna, pois a partir de 1850, não era mais capaz de expressar o contexto social e cultural da época. Ou seja, como coloca o autor, o ornamento não estava mais em consonância com o *Zeitgeist* – o espírito da época.

Neste período, o tempo e o espaço não eram mais o mesmo. A industrialização e urbanização tomavam conta de um cotidiano que até então era

³ “It may be possible to develop new cartographies and geographies only by changing the way we think about the cartographies we have.”

pautado por ritmos mais lentos que permitiam a contemplação do mundo. Consequentemente, a arquitetura não deveria mais recorrer à memória e à decoração, mas sim ao futuro, à modernização, ao uso, à forma, à textura e ao volume dos materiais (SÁ, 2005).

O objetivo da professora ao propor a leitura deste texto foi traçar um paralelo com os mapas da modernidade, buscando questionar seus ornamentos, isto é, os elementos da cartografia que não fazem mais sentido ao mundo de hoje. Assim, indagou aos alunos: “O mapa deixou de ter ‘ornamentos’ na modernidade? O que seriam seus ornamentos? O mapa tornou-se, ele mesmo, um ornamento? Ou deixou de ser um objeto em si para tornar-se uma interface?”. Tais questões instigaram os mesmos a procurarem em seus pensamentos e experiências com mapas, aqueles que seriam mais consonantes com o espírito da época.

Inspirada por esta busca, a obra seguinte (figura 6) foi criada a partir da pergunta: como, então, tornar o mapa dos núcleos administrativos do Parque da Serra do Mar condizente com o *Zeitgeist*?

Uma das possíveis respostas à questão foi tentar torná-lo parecido com os mapas da internet, pois, conforme vinha sendo discutido nas últimas aulas, os mapas que circulam na web são tão fluídos, transitórios e instantâneos quanto a própria contemporaneidade. Outra característica da cartografia do ciberespaço é que ela é interativa e, por isso, os mapas podem ser criados por diferentes pessoas e atualizados constantemente. Desse modo, como sugeriu a professora, as novas tecnologias são capazes de transformar a cartografia em interface, colocando-a como mediadora e interlocutora de diferentes mundos e entre diferentes grupos sociais, se assim seus usuários quiserem.

Procurando dar vazão a estas ideias, portanto, o mapa do Parque da Serra do Mar foi concebido na composição artística como algo ainda a ser preenchido - mapeado - com aquilo que seus usuários querem, ou não, ver e mostrar. Para isso, os limites do parque foram recortados, deixando um vazio em seu lugar. Como na internet, a cartografia se parece mais com uma ferramenta. Por meio desta fenda o mapa criado poderia ser utilizado como uma interface de comunicação que permitiria o encontro entre diferentes grupos e realidades. Assim, o título dado à obra foi “Mapa da interface do Parque da Serra do Mar”.

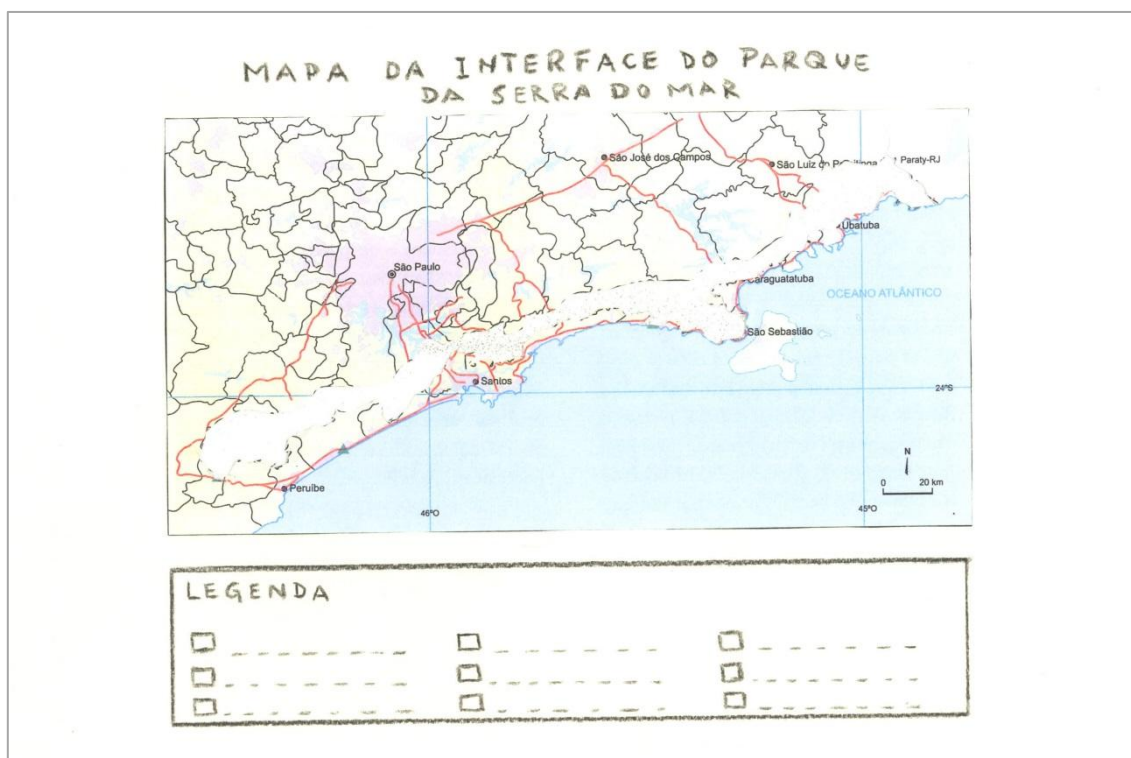


Figura 6: terceira obra: mapa da interface do Parque da Serra do Mar

Uma das leituras que também apoiou a criação do mapa foi o terceiro capítulo, “Tempo/Espaço”, do livro “Modernidade Líquida”, de autoria de Zygmunt Bauman (2001). Discutido na aula que ocorreu no dia 29 de novembro, o texto em questão aborda o modo como a velocidade da tecnologia define atualmente as características do tempo e do espaço.

Na modernidade pesada, época da industrialização e da oposição ao ornamento, foi a velocidade do veículo e das máquinas da fábrica que inauguraram o tempo da conquista do território e da rotina do trabalho; enquanto nos dias de hoje, na modernidade líquida, é a velocidade da conexão e do software que inventam a transitoriedade e instantaneidade do tempo e a irrelevância do espaço (BAUMAN, 2001).

Apesar de ser difícil e extremamente questionável aceitar que o espaço seja insignificante para a época em que vivemos, ainda mais quando tantos mapas circulam no ciberespaço, Bauman (2001), talvez, esteja tentando dizer que com as novas tecnologias, não é mais a localização física das pessoas que determina o lugar que ocupam e os sujeitos com quem interagem. Desse modo, paradoxalmente,

os novos dispositivos tecnológicos teriam o poder de esvaziar a relação entre pessoas fisicamente próximas e, ao mesmo tempo, permitir o encontro entre elas mesmo a quilômetros de distância.

Diante destas considerações, como uma cartografia que torna possível este tipo de encontro poderia reformular o uso dos mapas e o currículo de geografia nas escolas?

Como interface de comunicação entre diferentes pessoas e lugares, a cartografia na internet poderia se constituir como o espaço onde o currículo ocorre. Por serem dinâmicos, fluídos e abertos, os mapas da web também fazem com que o currículo tenha estas mesmas qualidades. Assim, compreender o mundo por meio desta cartografia, esteja ela presente na escola ou fora dela – nas atividades cotidianas que realizamos com as tecnologias – significaria realizar um ensino de geografia sem conteúdos pré-definidos, mas sim promovido em “tempo real”.

Imagine, por exemplo, estudar sua cidade a partir de um mapa colaborativo, aberto às intervenções de seus habitantes e usuários. Um mapa que a cada dia se tornaria diferente, pois novas histórias seriam contadas/mapeadas pelas pessoas. No site eletrônico *Post Urbano*⁴ pode ser encontrado um destes mapas, que retrata a cidade de Rosario na Argentina. Se fosse utilizado em sala de aula, os conteúdos de geografia a serem trabalhados com os alunos seriam dados por aquilo que aparece no mapa. Desta forma, o currículo e a cartografia a serem ensinados seriam indeterminados e transitórios, assim como o mundo em que vivemos na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades artísticas, pensamentos e reflexões relatados neste trabalho tiveram como objetivo mostrar que os mapas, apesar de serem construídos com base em convenções e regras, estão totalmente abertos às nossas imaginações e práticas. Seja no contexto escolar, num programa de pós-graduação ou no ambiente da internet, os modos de ver e pensar o espaço consolidados culturalmente pela cartografia podem ser reinventados por novas linhas.

⁴ <http://post.wokitoki.org/>

Desde a década de 80 aos dias de hoje, os estudiosos da cartografia, em sua maioria identificados como cartógrafos críticos, têm buscado desfazer, isto é, quebrar o que Harley (1989, p.2) chamou de “elo assumido entre a realidade e a representação”⁵ do pensamento cartográfico. Neste caminho, surgiram muitos novos estudos e teorias, tentando entender a relação do mapa com o espaço por outras vias que não a da representação.

Desconfiando profundamente do impulso cartográfico em codificar o mundo como se o mundo fosse objetiva e verdadeiramente mapeável, estas novas perspectivas entendem que as geografias traçadas nas linhas dos mapas não são pré-existentes a eles, mas sim são criadas por e/ou com eles. Desse modo, as obras apresentadas aqui são uma tentativa de criar tanto outras geografias, como também outras educações e cartografias escolares.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Tempo/espaço. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 107-149.
- COSGROVE, Denis. Maps, mapping, modernity: art and cartography in the twentieth century. **Imago Mundi**, London, v.57, p. 35-54, 2005.
- D'IGNAZIO, Catherine. Art and cartography. In: KITCHIN, Rob; THRIFT, Nigel (Orgs.). **International Encyclopedia of Human Geography**. Volume 1. Oxford: Elsevier, 2009, p. 190–206.
- FRANCO, Juliana de Oliveira Rocha. Cartografias subversivas e geopoéticas. **Geografares**, Vitória, ES, n.12, p. 114-137, 2012.
- HARLEY, John Brian. Deconstructing the map. **Cartographica**, Toronto-CA, v. 26, n.2, p. 1-20, 1989.
- LEÃO, Lucia (Org.) **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.
- LEIRIAS, Ana Gabriela. Novas cartografias on line, arte contemporânea e outras geografias. **Geograficidade**, Niterói-RJ, v.2 (edição especial), p. 115-133, 2012.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, Vitória, ES, n. 12, p. 1-49, 2012.

⁵ “The assumed link between reality and representation.”

OLSSON, Gunnar. Lines of power. In: BARNES, Trevor J.; DUNCAN, James S. (Orgs.). **Writing worlds: discourse, text, and metaphor in the representation of landscape**. London: Routledge, 1992, p. 86-96.

PICKLES, John. **A history of spaces: cartographic reason, mapping and the geocoded world**. London: Routledge, 2004.

SÁ, Marcos Moraes de. O ornamento como oposição ao moderno. In: SÁ, Marcos Moraes de. **Ornamento e modernidade: a construção de imagens na arquitetura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 83-94.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Caderno do Professor. Geografia**. 6ª série do ensino fundamental, 3º bimestre. São Paulo: SEE, 2008.

SEEMANN, Jörn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Geografares**, Vitória, ES, n.12, p. 138-174, 2012.

SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. 12ª edição. São Paulo: Ática, 1996.

WOOD, Denis. Map art. **Cartographic Perspectives**, Milwaukee, EUA, n. 53, p. 5-14, 2006.